

## ELEMENTOS SIMBOLISTAS EM *MISSAL* E *BROQUÉIS*

Ir. Elvo Clemente  
PUC-RS

Ao comemorar o centenário das publicações *Missal* e *Broquéis*, de Cruz e Sousa, a revista *Travessia* realiza um marco de alta significação cultural e literária ao editar número monográfico.

### Breve histórico

O ano de 1893 foi profundamente marcado pela Revolução Federalista em especial nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, concluindo-se no Paraná. A agitação política e revolucionária não impediu a produção literária do Parnasianismo e do Simbolismo com a predominância do primeiro. Cruz e Sousa, em 1893, inaugura o novo movimento literário com os livros *Missal* e *Broquéis*. Humilde em sua posição social, tímido em sua atividade, o reconhecimento da crítica lhe viria em 1898, após a morte. O trabalho do *cisne negro* foi preparando o eclodir do modernismo, duas décadas depois. Andrade Muricy, crítico da literatura, em seu exaustivo trabalho de leitura, de investigação e organização de textos, levou vinte anos para a grande obra — *Panorama do movimento simbolista brasileiro*, em dois volumes com 1300 páginas, edição patrocinada pelo Conselho Federal de Cultura, publicação do Instituto Nacional do Livro, 2ª edição — 1973.

Ao mesmo tempo em que se lembram os cem anos de *Missal* e *Broquéis*, recordam-se os vinte anos do *Panorama*. As datas são indicadores imprescindíveis para quem vai palmilhando as árduas

estradas da crítica e da historiografia literárias. Em 1961, preparada por José Cândido de Andrade Muricy era lançada pela Editora José Aguilar Ltda a *Obra completa de Cruz e Sousa*, edição comemorativa do centenário do nascimento do poeta.

### Simbolismo

O simbolismo provocou muita discussão ao longo de sua história como vocábulo e como movimento de renovação espiritual e literária.

Paul Valéry, citado por Guy Michaud assim se exprime: “On voit enfin, vers le milieu du XIXe siècle, se prononcer dans notre littérature une volonté remarquable d’isoler définitivement la poésie de toute autre essence qu’elle même (Michaud, 10 — 1947).

Não há como reproduzir, em poucas linhas, o rosto do simbolismo, descrito por Guy Michaud, no livro *Message poétique du SYMBOLISME*: “Il est déjà fixé pour l’histoire — un air mi-précieux mi-rêveur; une atmosphère de légende où, dans un décor de forêts, de parcs et d’étangs, évoluent des princesses alanguies entourées de colombes et de cygnes, une âme “fin de siècle” qui se cherche, se sent malade, analyse son mal et trouve dans cette analyse même une puissance perverse; l’amour du rare, du raffiné, de l’artificiel; le goût de l’arabesque et du fer forgé, des feuilles d’iris, des licornes et des améthystes; la manie de ne pas s’exprimer comme tout le monde, d’écrire des vers obscurs et contournés, de parler par ellipses et par symboles” (Michaud, 1947: 15).

Na descrição acima apresentada vê-se a face externa e interna do simbolismo praticado em todas as latitudes e pelos poetas que a ele aderiram ou que nele buscaram o modo, o estilo de traduzir os sentimentos e inquietações do seu coração inconformado com as realidades científicas e técnicas da industrialização da Europa e da América.

No mesmo século surgia Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) em Copenhague, que em vida pouco se manifestou, cujos escritos serviriam de base, cem anos mais tarde para exprimir o existencialismo. Tomou consciência das características e das carências da alma moderna e do trágico de sua condição. Pergunta enfático: “O que falta a nosso tempo?” e responde: “A religião”. O simbolismo, em parte, tentou encontrar o elo perdido, dando aos poemas o sabor e o misticismo religioso.

Andrade Muricy analisa em poucas palavras os recursos poéticos de Cruz e Sousa: “As imagens simbólicas situam-se em planos diferentes: há uma estratificação dos símbolos, que nos fazem descer,

de camada em camada, até ao mais secreto da alma, em seu reencontro com a vida mística. Todo o simbolismo postula a existência de um mundo transcendente. É, pois, o ponto de partida obrigatório de Mallarmé e Cruz e Sousa. Partindo embora dessa origem comum, chegaram, entretanto, à divergência essencial da qual resulta não terem os dois simbolismos nada mais de comum. O de Mallarmé é um trabalho da inteligência para encarnar em palavras a pureza do inefável; o de Cruz e Sousa é uma experiência sofrida e vivida, do simbolismo no interior de uma busca espiritual. Por isso mesmo, é marcha para o misticismo cristão” (Muricy, 1973: 165).

Análise curiosa é a de Tasso da Silveira:

É de fecundidade enorme contemplar-se e meditar-se na ascensão do estro de Cruz e Sousa. Pondo de parte os poemas iniciais como os volumes da prosa do poeta, consideremos apenas os volumes dos poemas dados a lume no Rio, alguns postumamente.

Em *Broquéis* é, substancialmente, a dor de ser negro que se exprime; em *Faróis*, a dor de ser homem, o que já representa, com relação a *Broquéis*, um ponto muito mais alto na escalada; em *Últimos sonetos*, a dor, mas também a alegria e a glória de ser espírito, de comungar com o eterno e heroicamente sobrevoar os abismos e as sombras da pobre terrenidade (Silveira, 1960: 7).

## Prosa

Na expressão de Andrade Muricy “O *Missal*, prosa poética, juntamente com *Broquéis*, publicados em 1893, inauguraram, oficialmente o movimento simbolista brasileiro” (Andrade Muricy, s/d: 59).

E continua o grande historiador do Simbolismo no Brasil: “Na época do lançamento do *Missal*, janeiro de 1893, a crítica estava, de maneira geral, inteiramente a favor do parnasianismo. Assim esta obra sofreu violentas restrições ao seu estilo e conteúdo” (Muricy, s/d: 60). Teve sempre a amizade dos intelectuais simbolistas: Nestor Vítor, José Henrique de Santa Rita, Emiliano Pernet e Silveira Neto.

As influências sobre aqueles jovens e em especial sobre Cruz e Sousa, vieram dos franceses e de Eugênio de Castro como afirma Pinheiro Torres: “Parte substancial do vocabulário se encontra na obra *Oaristos*, editada em 1890, com que se inaugurava o simbolismo em

Portugal” (Torres, 1984: 550). Continua o antologista português: “O vocabulário de Cruz e Sousa é de molde a estarrecer os defensores estrênuos dos cânones parnasianos. Todo ele em *Missal*, como em grande parte de *Broquéis* tende a criar uma atmosfera religiosa ou mágica. Vocabulário litúrgico cuja extensão se pode apreciar pelo glossário organizado por Andrade Muricy” (Torres, 1984: 550). Mallarmé e Verlaine estão presentes no vocabulário, na atmosfera da prosa poética no jogo das imagens. Os preceitos de *l’Art Poétique* de Verlaine realçam a importância da beleza sonora do verso na feliz expressão programática: “De la Musique avant toute chose ‘et’ rien que la Nuance.” Isto induz a evitar idéias claras, cultivar o claro-escuro e o indeciso das sensações (Torres, 1984: 545). Massaud Moisés citado na *Antologia da Poesia* assim se refere à prosa de *Missal* nos seguintes termos: “Ele se acha numa floresta de símbolos, alegorias e correspondências, mas ainda não vislumbra a relação entre eles e seu profundo drama íntimo, por isso dá-se ao luxo de pintar cromos, paisagens naturais, estesias vagas, nos poemas em prosa de *Missal* (Torres, 1984: 551).

A temática de *Missal* pertence às realidades mais simples da natureza física e espiritual.

A vasta e múltipla adjetivação vai apresentando a variada girândola de imagens que se entrechocam, deslizam e se afinam na tela misteriosa do artista; é surpreendente o texto, publicado em 18 de julho de 1891, com dedicatória a Emiliano Pernetta, cujo título é SABOR. Explora profunda e admiravelmente a força gustativa no redemoinho de imagens. Veja-se um parágrafo:

Não basta, pois, o paladar. Esse apenas, materializa. Não é, portanto, suficiente, que se sinta o sabor na boca, que se o examine, que se o depure, que se o saiba distinguir com acuidade, com atilamento. É necessário, indispensável que, por um natural desenvolvimento estético, se intelectualize o sabor, se perceba que ele se manifesta na abstração do pensamento.

Quanta repetição, quanto jogo de verbos, de substantivos e adjetivos, todos produzindo, sugerindo imagens sinestésicas do “sabor” (*Missal*, p. 403).

Não se pode deixar de reproduzir o parágrafo que fecha a crônica:

Para a profundidade, a singularidade de todo o complexo da Natureza, o artista, que sente claro, entende claro, pensa claro, saboreia claro (*Missal*, p. 404).

Em todos os textos há o gosto, o prazer das minúcias, da adjetivação variada e da repetição verbal exuberante.

Veja-se como o texto NAVIOS apresenta os adjetivos carregados de imagens:

Navios balanceados num ritmo *leve* flutuam nas *vítreas* ondas *virgens*, com o *inefável* aspecto de *longas* viagens dos climas *consoladores* e *meigos*, sob a *candente* chama dos trópicos ou sob a fulguração das neves do Pólo (*Missal*, p. 406).

Outro tema querido dos simbolistas — a noite, o noctambulismo que ele apresenta com uma sobrecarga de imagens quer nos verbos, quer nos adjetivos:

Enquanto, fora, na noite, gralha, grasna e grulha o Carnaval em fúria, vai, mergulhador, rindo para o espaço a tua *aguda* risada *acerba*.

Os *luminosos* lírios das estrelas desabrocharam já nos faustosos brocados do Firmamento, como que para ritmar em claras árias de luz a tua *torva* risada *triste*" (*Noctambulomo*, p. 405).

É surpreendente a riqueza vocabular, a força poética das imagens e dos adjetivos no jogo de contrastes e de antíteses:

E a luz do astro *noturno* e *branco*, de Verônica do Azul, *fria*, *congelada* de mágoas, envolvia a face atormentada do bêbado como num *longo* sudário de piedades *eternas*... (*Bêbado*, p. 402).

A abundância de vocábulos admira o saber do jovem poeta, demonstra o largo e profundo estudo dos recursos lexicais do idioma.

Em "astro frio" continua a exuberante adjetivação, no tema predileto do simbolismo:

*Fria* e *muda*, estará, talvez, a estas horas, *ajoelhada* na capela de um Cristo *glacial* e de mais branco *marfim* do que esse Cristo, com *níveas* mãos de cera e a face também de cera *macerada* pelos jejuns e pelos

cilícios dentro de *sombrias vestes talaes* (*Astro frio*, p. 400).

Em todas linhas perpassam o religioso misticismo, o sentimento do sobrenatural e o conhecimento da vida nos claustros.

A prosa poética de Cruz e Sousa iniciou a sua ascensão simbolista, preparando a grande revelação dos *Broquéis*, aparecidos no mesmo ano de 1893.

### Poesia

Tasso da Silveira, reafirma a força e a responsabilidade de Cruz e Sousa no movimento simbolista de que foi a figura central, irrompendo pela força da inquietação desencadeada pela Revolução de 93 (Silveira, 1960: 5).

*Broquéis* é o livro revelador que transforma o poeta catarinense em *cisne negro*, que Alphonsus de Guimarães sairia do aconchego da solidão de Mariana para conhecê-lo.

Andrade Muricy na *Obra completa de Cruz e Sousa* apresenta o Milagre de *Broquéis*, com esta assertiva:

Sem precedentes, prodigiosa, a tomada de consciência que esta coletânea representa. Agora, não mais vacila: a nota justa era aquela, em que exprimia, afinal, como desde menino aspirava fazê-lo. Aconteceu que a linguagem que lhe era própria equivalia a um verbo novo no Brasil. Uma ductividade musicallíssima; uma luminosidade cromática feita de entretons que não eram pictóricos, porém de sentimento, modalidades de sensibilidade para matizes de atmosfera moral, entretanto legitimamente poéticos (Muricy, 1961: 44).

*Broquéis* é uma coletânea relativamente pequena com 54 poemas, onde se encontram títulos e temas carregados de misticismo religioso e da força lúbrica dos instintos. Poemas de pureza angelical, versos de sensualidade em plena exaltação. É a contradição do ser humano: grandeza e miséria; pureza e abjeção; angelitude e satanicidade. Tudo existe no coração humano, tudo é expresso em *Broquéis*. O soneto *Carnal e Místico* conclui:

Ó formas vagas, nebulosidades!  
Essência de eternas virgindades!  
Ó intensas quimeras do Desejo...

(*Broquéis*, p. 77)

Não foge das influências que o satanismo de Giosué Carducci imprimira nas gerações finisseculares. É monumental o soneto SATÃ, cujo primeiro quarteto aqui se apresenta:

Capro e Revel, com os fabulosos cornos  
na frente real de rei dos reis vetustos,  
com bizarros e lúbricos contornos,  
ei-lo Satã dentre Satãs augustos.

(*Satã*, p. 80)

Entre os sonetos notáveis encontra-se o “Acrobata da dor” que fixa todo o sentimento de revolta e sarcasmo no último terceto:

E embora caias sobre o chão, fremente,  
afogado em teu sangue estuoso e quente  
ri! Coração tristíssimo palhaço.

(*Acrobata*, p. 92)

Os sonetos, os poemas que formam *Broquéis*, nome medieval que ressuscita lendas, histórias difusas de honra e de defesa, de lutas e de proteção. Os versos unidos num livro são “broquéis”, defesas contra a vulnerabilidade do tempo, com a força corrosiva da beleza e das vaidades, a poesia é mais duradoura que o bronze, a frágil voz do *cisne negro*, expressão da raça e da força humana é invencível pois os *Broquéis* celebram cem anos e desafiam outros séculos, mais resistentes que o bronze: “aere perennius” no verso de Horário.

### Notas bibliográficas

- ENCICLOPÉDIA GARZANTI DI FILOSOFIA, Garzanti, Ed. Milano, 1981.
- MICHAUD, Guy. *Message poétique du Symbolisme*, L'aventure poétique. Paris: Nizet, 1947. (4 vols.)
- MURICY, José Cândido de Andrade. “Introdução” a *Cruz e Sousa — obra completa* — edição do centenário. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1961.
- MURICY, José Cândido de Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1973. (2 vols.)
- MURICY, José Cândido de Andrade. *Para conhecer melhor CRUZ E SOUSA*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, s/d.
- SILVEIRA, Tasso da. Apresentação a Cruz e Sousa. Poesia. Rio de Janeiro: Agir, Col. Nossos Clássicos, 1960.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. *Antologia da Poesia Brasileira*. 3v. Porto: Livraria Chardron, 1984.